

Moralidade e atualidade: repercussões na educação

Moscas sobre a Moral

O subtítulo escolhido para este tema tem como referência a peça teatral *As Moscas*, de Jean-Paul Sartre. O enredo baseia-se na lenda grega na qual Orestes – filho de Agamêmnon, rei de Argos – volta do exílio à sua cidade-natal para recuperar a memória perdida pela morte de seu pai. Seu objetivo é vingar a morte do pai assassinado 15 anos antes por sua mãe, Clitemnestra, e seu amante, Egisto. Após o crime, eles enviaram Orestes para o exílio e transformaram sua irmã, Electra, em escrava.

A cidade de Argos ficou coberta por moscas. As moscas, neste texto, simbolizam a culpa pelo assassinato de Agamêmnon, que ronda a vida dos cidadãos. Esses insetos insistentemente reafirmam a culpa como algo fundamental para a manutenção da ordem que escraviza o povo, que foi cúmplice desse terrível ato.

No texto, Sartre, através da trágica história de Orestes, faz uma crítica à sociedade que elogia e usa a culpa como algo que confere sentido à existência das pessoas. É a tragédia da fatalidade opondo-se à tragédia da liberdade. E é a esta última que estamos submetidos todo o tempo, segundo Sartre.

Para entendermos a “liberdade” devemos compreender o seu conceito moral, visto que os valores escolhidos por determinada sociedade são decorrentes das opções feitas por seus indivíduos ao longo do tempo.

Sabendo que o conceito de liberdade está estreitamente relacionado ao de responsabilidade, o objetivo desta discussão é esclarecer o quanto a aplicação prática dessas noções na sociedade depende da aquisição do conhecimento como fonte determinante para a evolução humana.

Hoje percebemos um descrédito em relação à instrução acadêmica (à aquisição de conhecimento). Parece que esquecemos que o conhecimento é um instrumento, antes

de tudo, de libertação da ignorância. Esse *esquecimento*, na verdade, é fruto de um investimento negativo feito ao longo de muitos anos, por meio de uma política imediatista, que sempre buscou mão-de-obra barata à custa de um povo mal preparado e ‘fácil de governar’ porque é fácil de enganar. Desde a Grécia antiga, os sofistas ensinavam Retórica aos futuros governantes para que estes fossem capazes de enganar o povo com seus belos discursos.

Há algumas décadas, o governo brasileiro proibiu o ensino de Filosofia nas escolas, e isso aconteceu em um momento histórico determinado, quando o pensamento reflexivo era visto como algo perigoso para o pleno exercício da ordem e do progresso no país.

Desta medida em diante, a Educação tornou-se um instrumento valioso de controle da sociedade e, aos poucos, foi sendo deixada de lado. Com isso, ocorreu uma seqüência de fraturas éticas nos valores morais tradicionais: honestidade, sinceridade, generosidade, dignidade, lealdade, entre outros.

Hoje, o professor vive um dilema triste e extremamente complicado, que o leva a muitas questões difíceis de serem respondidas:

1. Como trabalhar o conteúdo das disciplinas nas escolas diante de tal fratura ética?
2. Como exercer a profissão de educador para um alunado que despreza o conhecimento, pois não consegue vislumbrar utilidade nem sentido nesta aquisição?
3. Como estabelecer disciplina em uma instituição que se divide conceitualmente entre educação e entretenimento?

Quando penso nas famílias que me ouvem em palestras, em pais e parentes preocupados com seus filhos, preocupo-me com a lacuna existente entre o que o jovem vive o que ele recebe como “correto” da mídia, da sociedade e do modelo de seus pais. Antigamente, o que o jovem desejava afinava-se com o que seus pais queriam para ele. Hoje, muitos pais já não sabem o que desejam para os seus filhos, porque não têm certeza do que esperam para si mesmos. Neste sentido, proponho a discussão relativa à desintegração pela qual passa a maior parte das famílias e como isso ocasiona

diversas conseqüências complicadoras para a vida dos jovens. E novas perguntas surgem nas mentes desses pais inquietos, questões que remontam antigas reflexões:

1. O que é “valor”?
2. Que tipo de moral vivemos atualmente? Trata-se de uma ausência moral ou de uma nova moral, que se constrói a partir da inversão de antigos valores?
3. Estamos construindo uma moral, ou a moral está surgindo como conseqüência dos anseios da sociedade atual?
4. Se nós a construimos, como fazê-lo de forma coerente com as necessidades desta nova geração?

Finalmente, quando penso nestas questões, falo aos jovens que se colocam como vítimas deste problema. Para que a responsabilidade moral nasça da adequação individual diante do grupo, o jovem precisará de valores éticos bem estabelecidos. E como pode este discernir tais valores diante de tantas informações contraditórias que lhe são transmitidas pela mídia, pela sociedade, por seus pais e pela escola que frequenta? Como pode este jovem exercer sua liberdade sem saber quê parâmetro seguir? Como pode ser culpado de tantos erros se ele não tem um modelo (um exemplo) moral no qual se inspirar?

Para ser responsável, o jovem precisa ter conhecimento do que gera o seu pensar e o seu agir e das suas prováveis conseqüências, exercendo de maneira plena a sua liberdade. Voltando à tragédia da fatalidade citada por Sartre, posso esclarecer melhor este ponto com a idéia de destino, que surge como algo externo e determinante, que retira o poder de decisão sobre a própria vida.

Sartre critica a crença ingênua no destino, na idéia de que algo determina o meu presente porque já o é no futuro. Coloca-nos diante da tragédia da liberdade, quando escolhemos nosso presente por meio de nossos pensamentos e ações. A responsabilidade passa a ser totalmente nossa. Então, percebemos, pela ilustração do texto sartreano, a comparação das moscas com a culpa, porque nos convida à reflexão

das nossas escolhas em relação às nossas crenças e porque as escolhemos. Isto é, o *que nos leva a tais escolhas pessoais?*

A mosca é um inseto comum, que pousa na comida e a contamina com bactérias, propagando doenças. Sua larva se alimenta de carne morta, como a culpa se nutre de sentimentos mortos. Quantos de nós vivemos a preguiça intelectual, plantada durante os anos de ditadura em favor de uma ordem escravizante, na qual o meu pensar reflexivo não é aceito? Quantas vezes, nostalgicamente, preferimos a ditadura à democracia? Quantas vezes incentivamos nossos filhos ou alunos a aceitarem as coisas como são, para nos pouparmos trabalho ou problemas? Quantas vezes pagamos mais do que devíamos para não nos aborrecermos? Quantas vezes preferimos fechar os olhos e os ouvidos a gritantes problemas sociais, aos inúmeros casos de corrupção, para não correremos riscos que classificamos como ‘desnecessários’?

A responsabilidade moral está atrelada ao conhecimento, contra a ignorância. E, hoje, a dificuldade da aceitação da moral está intimamente relacionada à resistência política e sócio-econômica à Educação. Há um ponto importante nesta linha de pensamento que remete à atual obrigação em que a escola se vê de transformar o aprendizado em entretenimento. Não me refiro a utilizarmos recursos facilitadores para as aulas, pois isto é um ganho para as escolas, além de uma diversificação da forma de transmissão do conhecimento. Refiro-me à necessidade de transformar o espaço escolar num parque de diversões onde o aluno não tolera a idéia de ter de estar atento, de estar concentrado no que lhe é transmitido. E o professor, muitas vezes, é intimado a ser um *showman*, um artista, quando não, um palhaço.

Há uma música do grupo “Engenheiros do Havaí” que se chama *Fusão a Frio*, que diz:

“Ninguém sabe como serão os filhos desse casamento
indústria da informação + indústria do entretenimento
promessas de fusão a frio, desvio de comportamento

promessas de fusão a frio, diversão e conhecimento
a única escolha que temos é a forma de pagamento
em doses homeopáticas, em escala industrial
tudo acaba em samba, é sempre carnaval
tudo acaba em sombras, é sempre vendaval”

Esta letra me faz pensar em como posso reduzir o natural esforço intelectual ao qual devo submeter o meu aluno para que ele possa tornar-se um discípulo capaz de adquirir conhecimento por si próprio ao longo do tempo. Por que posso cobrar do atleta ou de um jogador de futebol um treino contínuo, dedicação, disciplina, alimentação e sono adequados e não posso fazê-lo com um jovem no colégio?

Enquanto a escola for impelida à competição com a indústria do entretenimento, ela não será nem uma coisa, nem outra. E, o pior é que todos sairemos perdendo. Enquanto o Brasil continuar importando críticas da educação de outros países, referindo-se a seus problemas, o que pouco ou nada tem a ver com os nossos, a escola, pública e privada, seguirá muito mal.

Durante a Copa do Mundo de 2006, o país parou. Parece que o nosso maior valor rola entre os pés de nossos craques do futebol. O divertido mundo dos esportes se diz capaz de ensinar disciplina, respeito, organização, cidadania, mas não são justamente esses "itens" que são considerados chatos na sala de aula?

Aqui começo a apontar, infelizmente, o Brasil como um país que vem invertendo os seus valores morais. Como dizem os alunos e os ‘entendidos’ em Educação, a aula tem que ser legal, prazerosa, significativa. Basta ver os encontros de Educação e de Filosofia. São poucas inscrições para as comunicações e milhares para as oficinas oferecidas nos congressos de Educação, o que reflete uma significativa expressão da sociedade do trabalho, que requer produção imediata. Afinal, gostamos de ver logo os resultados, a prática. Nesse sentido, os que tentam ainda desenvolver a criticidade, a reflexão, a autonomia, e *coisas jurássicas*, como o pensar e o ler, terão um longo caminho a percorrer.

Mas toda esta reflexão está relacionada, segundo Freud, à insistente busca do prazer a qual o homem se submete. Submissão infantil e que parece não amadurecer no Brasil. Quero primeiro o prazer, a Copa do Mundo, o futebol, a brincadeira. Fazendo o que eu quero e não o que é necessariamente o melhor para mim e para o outro, o Bem moral, como defendia o filósofo Immanuel Kant. O Bem em si mesmo, que é o bem para todos, e não só para determinados indivíduos. E a Educação e o conhecimento são um bem para todos.

Em momentos críticos, nós, que pensamos e que conseguimos vislumbrar a verdadeira e triste realidade que nos cerca, chegamos a dizer:

- Bendito os ignorantes, as crianças, os desmemoriados e os loucos; deles será o Reino dos Céus, o paraíso! E assim a TV e a imprensa, com seus jornais, revistas e propagandas ditam as regras que devemos seguir, de olhos abertos para não perdermos os comerciais. Não é preciso pensar nem reagir, o lema é simples e auxilia a preguiça: basta receber e perpetuar o transmitido.

Na parábola de Adão e Eva, os dois, ingênuos, foram avisados por Deus do cuidado com o fruto proibido (a árvore do conhecimento). Da mesma forma, Prometeu, na mitologia grega, tentado pelos benefícios do fogo para levá-lo aos homens, enfrentou a ira dos deuses. Nestas duas histórias de culturas tão diferentes o desfecho é similar: a punição e a culpa ao adquirir consciência de seus atos.

Voltando à idéia da busca do prazer, da felicidade, gosto de lembrar que a palavra "felicidade" em grego significa 'eudaimonia', isto é, 'eu'=bom e 'daimonia' = estado de espírito. O bom estado de espírito que leva à completude.

Tanto a felicidade quanto a liberdade buscam esta completude. E, de maneira enganosa, buscamos esta totalidade individualmente. E por isso não a atingimos nunca. Ganhamos dinheiro, consumimos muito, embelezamo-nos ao máximo, desejamos *status* e fama, amamos pessoas determinadas e perfeitas para os nossos ideais, mas ainda assim isso não nos faz feliz. Por quê? Porque a liberdade e a felicidade não

existem individualmente; são conceitos universais que só têm sentido diante e dentro do grupo.

A minha liberdade ou a minha felicidade não acaba quando começa a do outro, mas termina quando acaba a do outro.

Como disseram Mario Cortella e Yves La Taille em *Nos Labirintos da Moral*, estamos em uma sociedade viciada (leia-se vício como aquilo que apodrece). Perdoe pelo uso dessa expressão forte, mas a nossa sociedade está podre. Os valores estão apodrecendo a dignidade, a civilidade e o sentido da existência humana.

É preciso ser radical e não superficial. A radicalidade é uma virtude; o vício está na superficialidade. Voltando à origem da palavra 'radical', lembro que 'radical' é aquele que se firma nas raízes, isto é, que tem solidez nas posturas, que não tem convicções superficiais. Somente as pessoas radicais utilizam sua humanidade de maneira total, sem negar o seu lado racional, que é o que nos diviniza e nos torna humanos. Não posso deixar de pensar no que penso e no que faço, pois, como ser humano, isto é o que me diferencia das outras criaturas. Mas a idéia passada pela mídia não é esta. De acordo com ela, devemos ser médios, seguir o padrão estabelecido pelo meio-termo, gerando assim a mediocridade.

Como dizia Confúcio, filósofo chinês, no século V a.C.: “Eu sei por que motivo o meio-termo não é seguido: o homem inteligente ultrapassa-o, o imbecil fica aquém”. O mesmo se repete no Apocalipse, capítulo 3, versículos 15 e 16: “Conheço tuas obras: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas, porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca”.

Os mornos são aqueles que não têm auto-respeito. E Deus os rejeita. Isso é significativo. Deus aceita os inocentes, as crianças, os ingênuos que ainda não ‘comeram o fruto’, que não sabem o que fazem. Ele perdoa os seus pecados. Deus também acolhe os sábios que, tendo comido o fruto, enfrentam as dúvidas e as divisões

humanas (que seriam os nossos *diabulus*, aquilo que nos divide) e ainda assim têm fé, superam os obstáculos, sofrem e buscam a sublimação humana.

Como afirmei anteriormente, os mornos não têm auto-respeito. E o que é 'ter respeito'? Respeito é honra. Os alunos somente respeitam o professor que respeita a si mesmo e que tem orgulho do que faz. Quando um aluno dorme em sala de aula, demonstra uma atitude de desprezo pela aula do professor. E se este permite o ato (o sono), mantém a mesma postura, desrespeitando o seu dever e o do aluno. Há aqui uma fratura ética, um desrespeito recíproco. O professor finge dar aula, enquanto o aluno finge que a está assistindo.

A profissão do educador carece atualmente de auto-respeito. A palavra respeito significa 'olhar para trás'. Ser capaz de olhar a trajetória até o momento. Ou seja, só tem respeito quem tem uma história pessoal, quando você consegue olhar para o passado e ter respeito pelo que você fez e conquistou. E quando isso não acontece, a consciência acarreta a punição, a expulsão do paraíso (em Adão e Eva) ou a eterna dor de um abutre comendo o seu fígado (em Prometeu). O simbolismo é o mesmo. Em ambos os casos, a consciência de nossos atos nos remete à culpa de desejarmos nossa humanidade, a passagem do instinto para a razão, a evolução natural do ser humano sadio, que sai de sua condição submissa infantil e dependente para a sua vida adulta, consciente e responsável.

Mas quando vejo o caminho que trilhei e não noto essa ascensão, perco o auto-respeito, abro mão da minha honra e me permito ser usado pelo outro. E me sinto culpado por não ter agido em meu favor, em busca da minha honra, do meu auto-respeito. Pois se eu não me respeito, por que o outro me respeitará?

Nas histórias mitológicas contadas, a culpa surge logo que adquirimos a consciência. Mas será que temos culpa simplesmente por adquirimos consciência? Culpa de quê? De sermos humanos? Não. A consciência nos traz a percepção dos nossos desejos contraditórios, o embate entre os nossos instintos mais primários (sexo e agressividade)

e a nossa possibilidade de transcendência. Mais uma vez, a divisão, *diabulus*, o anjo que buscou um caminho fácil para atingir a sua transcendência.

A culpa surge dessa incoerência da natureza humana, reforçada pela sociedade, que procura estabelecer regras e leis a fim de nos ordenar segundo a idéia de alguns, os poderosos. Algumas destas idéias refletem o instinto de sobrevivência da espécie. Outras são criações culturais alegóricas com sentidos nem sempre positivos para a humanidade. Não há, entretanto, caminho fácil para o sublime; é preciso um esforço humano para atingir a divindade.

Esse esforço é decorrente do uso da razão, do conhecimento que adquiro pelo meu pensar, que evolui a partir a reflexão do outro que veio antes de mim, complementando o pensar de agora com outros que partilham o meu tempo. Mais uma vez, aponto a necessidade do semelhante para o meu crescimento. A evolução humana se dá com o outro. E para isto, é preciso construir memória, formada a partir da repetição. Freud fala dessa necessidade da criança de repetir para assimilar, e ninguém melhor do que professores e pais, para compreenderem este argumento. Quantas vezes vocês repetiram a seus alunos e filhos as mesmas palavras?

“Estude aos poucos. Tire as suas dúvidas.”

”Não veja televisão tão de perto. Faz mal à vista.”

“Coloque um agasalho.”

A repetição é necessária para o aprendizado. E educar, o que é? É ensinar, adestrar, repetir, insistir, limitar para então conscientizar, responsabilizar e libertar. Essa libertação trará a formação de uma história pessoal atrelada à história do grupo ao qual pertenço, e que me trará este olhar para trás, o auto-respeito, a minha honra e, então, a querida felicidade.

Mas nada disso é fácil, principalmente quando se vive em um país onde, infelizmente, ouve-se constantemente que o povo brasileiro não tem memória. Como assim? Não ter memória significa não reter conhecimento. E se não apreendermos, não há evolução. Seria como se cada novo estudante voltasse à ‘estaca zero’ sempre. Se não tivermos

um conhecimento anterior, não seremos capazes de discernir entre o bem e o mal. Dessa forma, perderemos a consciência, voltaremos à ingenuidade, não infantil, mas ignorante.

A proposta da Educação, segundo Rousseau, é afinar o espírito e a alma, lapidando a matéria bruta, que é o ser humano, levando-o ao conhecimento da verdade e à sua transcendência. E para ser educado é preciso ter memória. Memória para cultivarmos valores éticos que deverão ser transmitidos para os nossos descendentes. A ética deve ser recíproca, os valores devem ser únicos para todos. Ser ético é respeitar o outro. As minhas escolhas definirão a minha identidade, mais uma vez dando-me auto-respeito.

E o que é um valor? É algo que deve ter um conceito social. É preciso que o grupo o reconheça como tal. Quando se tem uma nota de 100 reais, não importa se está velha ou nova, amassada ou não, o seu valor será o mesmo. Da mesma maneira, o pudor, a bondade, a ética, a verdade, a dignidade e a honestidade são considerados bons valores e devem ser reconhecidos por todo um grupo da mesma forma e não só por parte deste grupo.

Gosto da definição de Paul Ricoeur, quando diz que “Perspectiva ética é a perspectiva de uma vida boa, para e com outrem, em instituições justas”. Deve haver cooperação e generosidade no âmbito social. É possível que, a solidariedade, a dignidade, a lealdade e a generosidade sejam valores ruins? Existem momentos em que devemos ser bons e outros em que devemos ser maus? Um valor não pode perder-se, não pode ser alterado, pois a essência de ‘ser valor’ é a identidade com aquilo que ele é. Não há mudança. Dar valor é conhecer a verdade, entender as diferenças, discernir o bem e o mal, valorizar o que é útil para todos: a liberdade e a felicidade. É a valorização da contemplação como ato fundamental para o pensamento filosófico, que nos capacita para toda investigação.

O conhecimento tem que ser a ferramenta para a liberdade coletiva. É preciso resgatar a curiosidade, a alegria de construir o conhecimento. Nem tudo tem uma finalidade

imediate, um uso instrumental. Compete à ciência um servir ético, um fazer para o sentido. Não se perde o tempo estudando ou lendo, aproveita-se o tempo.

O trabalho do professor e da família é transmitir conhecimento, mas, para isso, é preciso que essa informação seja vista como uma riqueza em si mesma. É preciso que o professor acredite na importância do seu material de trabalho, da ciência que ele transmite ao aluno. Em momento nenhum ele pode ser 'enganado' pela mídia que despreza o saber. Ele deve conhecer sua própria trajetória e saber o quanto se esforçou para isso; ele deve 'olhar para trás' e não perder nunca o seu auto-respeito.

Da mesma forma, a família deve acreditar nos valores adquiridos, na experiência de vida assimilada pelos mais velhos. Os avós, os pais, os tios devem ser referência e modelo para as crianças. Não devemos inverter estes papéis, embora, infelizmente, seja o que tem acontecido.

A inversão de valores começa em casa, quando a mãe concorre com a filha na busca desenfreada pela juventude, ou quando o pai compete com o filho paquerando meninas da idade dele. A busca pela beleza 'enlatada', os cursos rápidos, os treinamentos milagrosos, todos se tratam de uma abreviação da trajetória, o que elimina a consciência do processo, pois o mérito só existe quando é alcançado com persistência.

O jovem precisa ser seduzido pelo conhecimento e pela trajetória exigida pelo saber. Pois só assim será capaz de tornar-se um sedutor. E aí ele ganhará um sentido para sua condição humana, saindo da superficialidade, da utilidade imediata e da famosa pergunta: 'para que serve isto?'. Conhecimento é transmissão. Pais e professores são o húmus da terra. Eles a fertilizam. Quando ensinam, lançam sementes. Mas é preciso estimular aqueles que as pegam, pois serão os sobreviventes de nossa espécie.

Como disse Karl Marx, "os filósofos se limitaram apenas a interpretar o mundo de diversas maneiras; trata-se, porém, de transformá-lo". Para mim, filosofar, pensar é uma forma de ação que nos impele a fazer o bem. E quando transmitimos o nosso saber com convicção, tornamo-nos exemplos e influenciemos novas vidas, seduzindo-

os a seguirem os nossos passos. E isso é exercer a felicidade, pois apenas sou feliz quando abro possibilidade para a felicidade do outro.

"O costume, pois, é o grande guia da vida humana" disse David Hume, e é por isso que repetir o conhecimento anterior deve ser um costume, uma tradição, um alimento para a nossa memória, um degrau que já foi subido para dar impulso aos que estão vindo.

Devemos ter cuidado, no entanto, com uma "nostalgia" compulsiva, muito comum entre nós, na qual o tempo anterior ao presente foi sempre melhor que o atual. É interessante perceber o significado dessa palavra, que tem sua origem na medicina. Um médico alemão a criou para designar a dor de um membro que foi amputado: *Nóstos*, em grego, significa volta, regresso, retorno; *álgos* é dor. Então, "nostalgia" é a dor da volta. O membro (braço, perna) amputado não existe mais, embora a pessoa ainda o sinta doer, coçar etc. Essa sensação é negativa, porque busca no passado o que deveria estar no presente. É ter saudade do presente sonhado em comparação com um passado vivido, ao invés de ter esperança no futuro desejado. O membro não está mais naquele lugar, é preciso tomar consciência disso e não alimentar a falsa idéia de que ainda está lá.

Esta nostalgia pode estar camuflando o medo de se criar um projeto de vida. Valorizamos o aqui e o agora, com medo de envelhecer, não pensamos no amanhã, fingindo que ainda temos o que já passou. Como posso cobrar um querer crescer, um crédito no conhecimento de um jovem que não tem referência, nem modelos, que só ouve pessoas que sentem falta do que não existe mais? Assim, indiretamente, estimulamos nossos jovens a viverem exaustivamente o presente, o famoso 'carpe diem', neste caso, mal interpretado. Então, eles precisam ir a todas as festas, consumir todas as substâncias, beijar todas as bocas etc., porque não há futuro em suas perspectivas. O que contraria o sentido indicado no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, cuja idéia é ganhar autonomia da própria vida, vivendo o hoje, mas objetivando o amanhã.

Podemos, finalmente, fazer a relação com a questão da disciplina. Ouvimos reclamações diversas sobre indisciplina, seja nas salas de aula ou em nossas casas. Resta saber se está relacionada à falta de respeito ou à desobediência sem desrespeito. Indisciplina como desobediência sem desrespeito é a minha colocação diante do mundo, muitas vezes a partir de um pensamento novo; é uma questão de autoridade. E isso é positivo. Essa indisciplina interessa à escola.

Entretanto, quando falo de indisciplina relacionada à falta de respeito, estou tratando de uma questão moral, de uma fratura ética que não permite ao aluno reconhecer a importância do lócus do professor e do conhecimento transmitido. Além desta, há também os casos mais comuns de indisciplina, relacionados à falta de autodisciplina, ou seja, à dispersão do aluno.

Disciplina é força de vontade, ou melhor, é ser mais forte que a vontade imediata, é não descentrar do objetivo primeiro. No caso da escola, o de obter conhecimento.

As atrações fúteis e superficiais esmagam as mentes de nossos jovens a cada instante pelas propagandas, na mídia em geral, na TV e na Internet. Na verdade, os jovens são privados da possibilidade de experimentar esta força de vontade. Para que isso volte a acontecer, eles precisam acreditar no ser humano e num futuro a ser conquistado. Os jovens não querem crescer e conquistar a sua independência.

Antigamente, sair de casa era um passo importante para se ter liberdade. Hoje, deixar o lar é perder a liberdade de comprar o que quiser, de juntar dinheiro enquanto é sustentado pelos pais. Será que eles não têm consciência do quanto já 'tiraram' dos pais? E por que os pais são tão permissivos? Nostalgia. Como disse o psicanalista Contardo Calligaris, os jovens são 'adultos em férias' na casa dos pais.

Sei que é preciso ter força e determinação para ser modelo destes jovens em um mundo onde programas do tipo *reality shows* estimulam o voyeurismo coletivo refletido numa recusa ao olhar para si mesmo, em que a dificuldade de autocontemplação e de meditação é uma constante. Há uma regra na qual, durante todo o tempo que os

participantes ficam na casa, cada um só pode levar dois livros, sendo eliminado se a transgredir. Ora, o livro aparece como algo que atrapalha a convivência. Dessa forma, os ídolos do BBB, por exemplo, não são vistos com livros nas mãos. Estão na piscina, no sofá, na cozinha e nos aparelhos de musculação. E são estes os modelos para muitos jovens. É um caminho fácil, um atalho para o sucesso, em que o ganho é só financeiro. Que sentido de vida eles têm?

É trágico confirmar que o número de suicídios entre os jovens tem aumentado pela falta de sentido conferido à vida. Durkheim fala de um ser humano que se sente num mundo “desencantado” (expressão de Weber). O jovem não deseja o mundo adulto porque o adulto quer retornar à juventude. Então por que sair da juventude? Esta fase deve ser alongada ao máximo, adiando a responsabilidade presente na vida adulta. E se não quero crescer, para quê adquirir conhecimento?

Voltando à família, vemos que o isolamento começa em casa. Percebemos isto na formação física das casas de classe média. As pessoas separam-se em quartos com aparelhos de TV individuais. Cada indivíduo vê e acredita no que assiste. Ninguém comenta o que assiste, pois não há espaço para a partilha. Mas será que este jovem tem escolha?

É a idéia de família, comentada de maneira muito perspicaz por Padre Léo (da Comunidade Católica Canção Nova), quando diz que formamos ilhas agrupadas, e não uma comunidade (que seriam pessoas com o mesmo objetivo compartilhado, com mecanismos de autopreservação e proteção recíproca. Não se participa mais nem de uma igreja). Sou eu com Deus; o individualismo chegou ao extremo.

O desmoronamento da capacidade de vida coletiva gera a crise ética. Não há concordância, visto que ‘cum cor’ é colocar o coração junto. A história seguinte se aplica bem a este conceito de concordar:

“Um dia Meher Baba perguntou aos seus discípulos: Por que as pessoas gritam quando estão aborrecidas? Os homens pensaram por alguns momentos:

- Porque perdemos a calma, disse um deles, por isso gritamos.

- Mas, por que gritar quando a outra pessoa está ao teu lado? Não é possível falar-lhe em voz baixa? Por que gritas a uma pessoa quando estás aborrecido?, perguntou Baba.

Os homens deram algumas respostas, mas nenhuma satisfazia Baba. Finalmente, explicou:

- Quando duas pessoas estão aborrecidas, seus corações se afastam. Para cobrir esta distância precisam gritar para escutar-se. Quanto mais aborrecidas, mais forte têm de gritar para escutar-se um ao outro.

Em seguida, Baba perguntou:

- O que sucede quando duas pessoas se enamoram? Elas não gritam, falam suavemente. Por quê? Seus corações estão muito perto. A distância entre elas é pequena. Quanto mais se amam, muitas vezes nem precisam falar, somente sussurram e ficam mais perto ainda de seu amor. Finalmente, com o amor maduro, não necessitam sequer sussurrar, somente se olham e isto é tudo. Assim é quando duas pessoas que se amam estão próximas.

Então, Baba concluiu:

- Quando discutirem, não deixem que seus corações se afastem, não digam palavras que os distanciem mais, chegará um dia em que a distância será tanta que não encontrarão mais o caminho de volta”.

E a nossa sociedade está buscando esta distância. Mas a propaganda da violência, do consumismo e do individualismo lucra com os portões eletrônicos, câmeras, celulares, alarmes, seguros etc. A violência segrega os seres humanos, rompendo os laços afetivos, criando o medo entre iguais, aumentando as diferenças, atijando os nossos instintos mais selvagens (de sexo e de agressividade), gerando a competição, distanciando-nos da transcendência, da busca pelo sublime. Ceder a estes instintos é fácil, pois são sensações primárias. E se a violência for glorificada, a decorrência será a falta de sentido da vida ou ela mesma, a violência, tornar-se-á o sentido.

A escola precisa inquietar a si mesma e aos demais em relação a vícios como o consumismo, o cinismo, o atalhamento do processo de vida, o desrespeito... Senão, a falta de sentido (de que já falamos) levará à incivilidade e à violência.

A única instituição que ainda tem legitimidade social é a escola, visto que, em algum momento da vida, todo mundo é aluno ou professor, pai ou irmão de aluno. E a escola ocupa um lugar central na sociedade. Não podemos permitir que reduzam a importância da escola enquanto instituição em nossa sociedade. Parece que a escola está abdicando do seu caráter de liderança, talvez por cansaço da luta ou por pouca percepção do papel que possui.

E como tudo começa na mente, "o tipo de Filosofia que se escolhe depende do tipo de pessoa que se é", dizia Johan Gottlieb Fichte e eu, Samanta, sou uma pessoa de ação. Para mim, não basta dar palestras; dou aulas de Filosofia, tenho pacientes em minha clínica psicanalítica e escrevo e procuro melhorar sempre a minha relação com a minha família, com meus amigos e companheiros de trabalho. Não sou incrível por isso, apenas busco ser radicalmente humana. E como disse Isaac Newton quando elogiaram sua teoria, "se enxerguei mais longe, foi porque me apoiei nos ombros de gigantes", e devo tudo o que sei aos seres humanos que vieram antes de mim, a minha família, a meus mestres, aos autores que li, às pessoas mais experientes que conheci e aos mais jovens que fui capaz de ouvir. Só transformei isso em quem sou porque concordo com Hume quando diz que "a beleza das coisas existe na mente que as contempla".

Quando vivencio os problemas educacionais do Brasil não tenho vontade de sentar e chorar, mas me sinto impelida a pensar e a agir para buscar soluções, porque creio que Deus me pôs diante desse problema porque tenho algo a contribuir com minha humanidade para provar minha transcendência junto ao outro, pois minha felicidade não existe se não vejo o sorriso do meu igual.

Bibliografia:

1. Cortella, MS, La Taille, Y de. Nos labirintos da Moral. 2ª ed. Campinas: Papirus; 2005.
2. Cortella, MS. Não espere pelo Epitáfio... 2ª ed. Petrópolis: Vozes; 2005.
3. Ferrry, L. O que é uma vida bem sucedida?. Rio de Janeiro: Difel; 2004.
4. Giannetti, E. Felicidade. São Paulo: Companhia das Letras; 2002.
5. Sartre, JP. As Moscas. Tradução de Caio Liudvik. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2005.
6. Steiner, G. Lições dos mestres. Rio de Janeiro: Record; 2003.